

O Retorno da Deusa

Neide Miele - Profª do PPGS e Coordenadora do Curso de Graduação em Ciências Sociais da UFPB.

Feminino e Masculino são componentes do Ser, sejam eles hormônios ou valores. Este Ser integral, no entanto, vagarosamente, foi sendo dividido pela sociedade patriarcal, reduzindo-o apenas aos valores determinados culturalmente a um e a outro sexo. Desta forma, poder, força, ordem, dever, competitividade, razão, lógica, abstração, valores genuinamente masculinos, ficaram restritos ao homem. Os valores femininos tais como, emoção, sensibilidade, intuição, perdão, cooperação, sensualidade, fertilidade, cuidado em relação ao outro, ficaram restritos à mulher. A partir desta verdadeira “cirurgia cultural”, o feminino passou a ser indistintamente sinônimo de mulher, assim como masculino de homem. Em ambos os casos o Ser ficou restrito apenas a uma parte de seus atributos.

Esta destinação cultural dos atributos humanos só recentemente começou a ser desmistificada. Quem de nós não conhece inúmeros exemplos de mulheres extremamente competitivas, que não hesitam em usar sua força e seu poder para atingir seus objetivos, mesmo que a custa da destruição do outro, ou da outra? Da mesma forma que, quem de nós não poderia citar inúmeros exemplos de homens intuitivos, sensíveis, que pautam suas vidas pelo profundo sentimento de cooperação e pelo cuidado em relação ao outro? Também não é difícil compreender que os valores femininos e masculinos inerentes ao Ser não se referem às opções sexuais de cada um. Para ser sensível, o homem não precisa renunciar à sua masculinidade, tampouco a mulher, para fazer uso da lógica, da razão e da abstração, não precisa deixar de ser feminina. Hoje estamos descobrindo que os valores inerentes ao feminino e ao masculino guardam uma relação muito mais profunda com a postura ética de cada um, com sua visão de mundo e com seu crescimento interior do que com o sexo, preferências sexuais, ou mesmo com os gêneros. Nos mais variados mitos da criação os povos se referenciam ao masculino como sendo Ouranos, o Céu, e ao feminino como sendo Gaia, a Terra, de cuja união tudo se originou. Masculino e feminino, portanto, fazem parte do transcendente.

O papel civilizatório do mito cristão

Nas sociedades pagãs, intuição ou bravura não era prerrogativa de um ou de outro sexo. Deusas e deuses amavam, guerreavam, se emocionavam, caçavam... A separação de atributos por sexo ainda não havia sido operada. Esta separação, e a conseqüente valorização de uns em detrimento dos demais começa a se tornar cada vez mais evidente à medida que evolui a sociedade patriarcal. Para a consolidação da exclusividade masculina, o patriarcado teve que esmagar seu principal inimigo, o feminino. Mais do que a mulher, o feminino é que metia medo

aos homens. Era esse lado sensível, intuitivo, curador e místico, possuído pelas mulheres, mas também por alguns homens, que precisava ser esmagado para que a era da razão se impusesse plenamente.

Patriarcado e cristianismo se uniram na construção uma sociedade baseada nos valores masculinos. A Deusa, a Mãe-Natureza, o princípio feminino, a mulher, foram submetidas ao princípio masculino: razão, competição, poder. Talvez a Igreja cristã tenha sido a instituição mais eficaz na tarefa de forjar o mito do homem, enquanto o único ser criado à imagem e semelhança de Deus, tendo recebido Dele o poder de dominar a natureza e toda a criação. Fruto do Velho Testamento, para a hierarquia da Igreja essa imagem foi muito mais forte do que a própria mensagem do Cristo, que nunca pregou a superioridade masculina. Em seus ensinamentos Jesus Cristo anuncia a igualdade fundamental entre o homem e a mulher, postura revolucionária para a época. Contrariando os costumes do seu tempo, Jesus, de bom grado, cerca-se de mulheres em suas atividades públicas, conversa com elas, trata-as como pessoas, sobretudo quando são desprezadas pelos costumes da época, ou apedrejadas pelos “túmulos caídos”. Apesar desta ser a mensagem do Mestre, até mesmo os apóstolos tiveram dificuldades em assimilar seus ensinamentos e superar os preconceitos ditados pela sociedade patriarcal. Para a estrutura hierárquica da Igreja, a igualdade preconizada pelo Cristo cedeu diante dos obstáculos nascidos do contexto cultural no qual o cristianismo se difundiu. Depois de muitos conclaves, a Igreja começou a venerar a Mãe de Deus, a Virgem Maria, instituindo-a como modelo para o sexo feminino, porém, continuou vendo a mulher como causa de todos os pecados do mundo e fonte de perdição.

Tudo começou com o medo

Jean Delumeau nos diz que os pesadelos mais íntimos da civilização ocidental neste último milênio foram: o mar, os mortos, as trevas, a fome, a peste, a bruxaria, o apocalipse e, sobretudo, o demônio. Analisando este conjunto, poderíamos reduzi-lo a um único medo: o da mulher, visto que culturalmente ela está relacionada com cada um deles.

O mar: O desbravamento do mar, para a conquista de novos continentes pressupunha o enfrentamento das sereias. “Monstros do mar, com cabeça e tronco de mulher, e o resto do corpo igual ao de um peixe, elas seduziam os navegadores pela beleza de seu rosto e pela melodia do seu canto para, em seguida, arrastá-los para o fundo do mar e devorá-los. Ulisses teve que amarrar-se ao mastro de seu navio para não ceder à sedução do seu chamado. Elas representam os perigos da navegação marítima e a própria morte.”

Os mortos: Georges Duby⁴ salienta que entre as mulheres e os falecidos parece mesmo existirem relações privilegiadas. “Como o corpo dos recém-nascidos, o corpo dos defuntos pertence às mulheres. Sua tarefa é lavá-lo, adorná-lo, assim como Maria Madalena e suas companheiras, caminhando para o sepulcro de Jesus, preparavam-se para fazê-lo na manhã de Páscoa. (...) o poder, o

misterioso, o inquietante, o incontestável poder das mulheres se deve principalmente a que, como a terra fértil, a vida sai de suas entranhas e, quando a vida se extingue, retorna para elas como para a terra acolhedora. Estas são as duas funções da feminidade: materna e funerária. As trevas: As trevas são também a noite, a obscuridade, o pecado, a queda, a perda do paraíso, o inferno, a falta de domínio sobre a sexualidade. As trevas são os domínios de Lilith, que foi banida do Paraíso por não aceitar se submeter a Adão, transformando-se num demônio feminino noturno de longos cabelos, que ataca homens e mulheres na escuridão da noite. Assim está escrito no Zohar: “É justo e adequado que as duas luzes governem; a luz maior de dia e a luz menor de noite. Desse modo, o domínio do dia pertence ao macho e o domínio da noite, à fêmea.” Eternamente associada à lua, a mulher demoníaca se alia às trevas, sobretudo na lua nova, quando sua tênue luz desaparece do firmamento, para despertar nos seus possuídos os instintos mais bestiais. Para Bárbara B. Koltuv⁵ “as forças da sexualidade, do nascimento, da vida e da morte, do mágico ciclo da vida eram, originalmente, governadas pela Deusa. Com o advento do patriarcado, o poder de vida e morte tornou-se uma prerrogativa de um Deus masculino; enquanto a sexualidade e a mágica foram separadas da procriação e da maternidade.” Esta separação salta aos olhos se analisarmos a Idade Média, período em que o culto à Virgem Maria e a construção das catedrais, nas quais a Mãe de Deus foi imortalizada, ocorreu concomitantemente com a criação do Tribunal do Santo Ofício, a chamada Inquisição, onde ocorreu o extermínio massivo de mulheres. Para a Igreja, Mãe e Mulher são opostos que se excluem.

A fome: A mulher, assim como a Mãe-Natureza, é a eterna doadora de alimento. Portanto, poderia parecer contraditório relacionar o medo da fome à mulher, contudo, depois que a maternidade foi separada da sexualidade, mãe e mulher passaram a ser seres dicotômicos, permanentemente em oposição. Depois que Adão e Eva foram expulsos do paraíso, o homem passou a ser responsabilizado pelo provimento da família, através do trabalho, e a mulher recebeu a sina de parir com dor o fruto de sua sexualidade, causa de sua culpa. Como o trabalho é penoso e necessita de coerção para ser realizado, esta se dá através da repressão ao prazer. Trabalho e prazer se situam em campos opostos; os homens que não se privam do prazer não trabalham, daí decorre a fome, cuja culpa é imputada, em última instância, à mulher.

A peste: O ódio à mulher foi crescendo na mesma proporção que o poder patriarcal. Na Idade Média as mulheres eram acusadas de pactuarem com o demônio e responsabilizadas por sua capacidade de, em nome do diabo, exercer qualquer tipo de malefício humano e sobre-humano, inclusive a produção de tempestades, ou a propagação de pestes. O medo e a repressão às bruxas medievais são importantes para se compreender as conexões entre a destruição da religiosidade pagã, a imposição do cristianismo e o estabelecimento do modelo patriarcal.

As bruxas: Ao escrever a introdução brasileira ao *Malleus Maleficarum*, Carlos Byington⁶ afirma que na Inquisição o ódio à mulher misturou-se à atração mórbida

por ela, devido à sexualidade culturalmente reprimida. “Isso fez com que a tortura para se obter confissões de bruxarias incluísse procedimentos tarados, ou seja, sexualmente perversos, que incluíam voyerismo e sadismo. As mulheres eram despidas e seus cabelos e pêlos eram raspados à procura de objetos enfeitiçados e escondidos em suas partes íntimas. As torturas praticadas são difíceis de imaginar, mas o texto dá idéia de terem sido terríveis, sobretudo porque o processo recomendado pelo Malleus é um delírio francamente paranóide orientado para se obter confissões, e não para verificar a culpabilidade.”

O demônio: Antes do século XI o diabo era abstrato e teológico. Sua existência era um problema apenas para os doutores da Igreja e para os estudiosos da teologia. Mas, pouco a pouco, ele foi ganhando espaço e se tornando cada vez mais concreto, saltando das pinturas que recobrem as paredes e os vitrais das igrejas até a total possessão dos corpos humanos, sobretudo das mulheres, que passaram a ser sua própria encarnação.

Acendendo as fogueiras

As raízes do medo da mulher no homem, para Jean Delumeau, são mais numerosas e complexas do que pensara Freud, que o reduzia apenas ao temor da castração. Desde os tempos mais remotos a mulher esteve ligada aos segredos do parto, da cura, da fabricação de “mezinhas” (de onde se origina o termo “medicina”). Mas a mulher também conhecia os segredos dos venenos, das poções e dos filtros que enfeitiçavam e matavam... Ela era senhora da vida e da morte. Os homens temiam-na e procuraram lutar contra esse saber-poder. O temor agiganta as sensações de medo. Os homens medievais, temendo a sabedoria feminina e recalçando em si qualquer atributo que os confundissem com o sexo oposto, partem para uma caçada às mulheres como jamais foi vista em nenhuma outra civilização. As fogueiras da Inquisição foram a maneira encontrada por eles para, atacando, se defenderem. É através da luta sangrenta entre estes dois poderes, o masculino e o feminino, que podemos explicar a caça às bruxas ocorrida entre os séculos XIV e XVIII. Como nos diz Delumeau, se o medo da mulher não é uma invenção cristã, não resta dúvida que o cristianismo agitou este espantinho até o limiar do século XX. Para compreender as razões para o surgimento da Inquisição e o extermínio de mais de cem mil mulheres queimadas vivas é preciso focar a atenção nas disputas políticas entre clero e nobreza.

Até o final do século VI não havia na Europa um governo realmente unitário, existia apenas um conglomerado de reinos, sendo o desenvolvimento político e econômico de ordem fundamentalmente local. A única instituição européia com caráter universal era a Igreja. Esta, imiscuindo-se cada vez mais nas querelas políticas, caiu nas mãos da nobreza romana. O papa Leão IX (1049-1054) empreendeu uma grande reforma separando a Igreja Romana da Igreja do Oriente. A partir de 1095 tiveram início as Cruzadas, que eram expedições militares realizadas pelos cristãos para recuperar o território de peregrinação conhecido como Terra Santa, que estava sob o controle dos muçulmanos. Neste período, os papas envolveram-se numa disputa pelo poder temporal com os

imperadores; de um lado o poder eclesiástico de Roma, de outro o Sacro Império Romano-Germânico. O descontentamento era geral, tanto por parte dos nobres, que se recusavam a submeter-se à elite eclesiástica (este movimento ficou conhecido como a Questão das Investiduras), quanto por parte do povo, subjugado pelos impostos papais. Começou então uma onda crescente de críticas à Igreja por causa da cobiça, da imoralidade e arrogância de sua cúpula. As críticas mais contumazes partiam dos Albigenses e dos Cátaros, que passaram a ser perseguidos sob a acusação de heresia.

Enriquecida pelos crescentes impostos extraídos do povo, bem como pelas doações “oferecidas” pelos poderosos, a Igreja lançou-se numa onda febril de construções de catedrais⁷ nas grandes cidades européias nos três primeiros séculos deste milênio. Em torno destas catedrais funcionavam escolas sob a denominação de studiun. No final do século XII algumas escolas começaram a ganhar tal prestígio que passaram a se chamar studiun gerale, pois os alunos ali formados poderiam lecionar em qualquer lugar da Europa. O termo universidade foi finalmente adotado no século XIII para designar estas comunidades de mestres e alunos, reconhecidas ou criadas através de bula papal.

O predomínio da razão

O século XIII foi o mais profícuo na criação das universidades européias. A maioria delas datam desse período. Em sua origem, as universidades se destinavam ao estudo da teologia, porém, rapidamente elas se tornaram seculares, expandindo seus cursos para outras ciências. O primeiro curso de medicina que se tem notícia é o de Salerno, na Itália, criado no século XI, quando Constantino, o Africano, começou a dar aulas de medicina e cuja fama se espalhou por toda a Europa. O segundo curso mais famoso da Europa foi o de Montpellier, na França, autorizado pelo papa Nicolau IV em 1289.

O século XIII é emblemático no que se refere ao conflito entre o desenvolvimento do conhecimento e a instituição dos mecanismos de repressão, tortura e condenação à morte. Ele ficou conhecido como “O século das Universidades”; mas foi igualmente neste século que se deu a criação do Tribunal do Santo Ofício, em 1231, no papado de Gregório IX, a chamada Inquisição. Será que é apenas uma “coincidência” a criação de um tribunal especializado em julgar crimes de feitiçaria, magia, bruxaria, no mesmo momento em que foram criados os cursos de medicina e de direito? Desde a mais remota antiguidade, a cura sempre foi exercida pelas mulheres, e as crianças vinham ao mundo aparadas pelas mãos de uma outra mulher. Como romper com esta tradição? Como fazer com que o homem, agora diplomado, fosse aceito como curador ou parteiro?

Será que pode ser considerada apenas mais uma “coincidência” a obrigatoriedade da clausura para as mulheres pertencentes qualquer ordem monástica, instituída por Bonifácio VII, no século XIII, através da bula que tem o sugestivo nome de periculoso? Manter as mulheres confinadas atrás das grades dos conventos não foi tarefa fácil, pois as determinações da bula de Bonifácio tiveram que ser

posteriormente reafirmadas pelo Concílio de Trento, no século XVI, pela bula Circa Pastoralis, porque a Periculoso não havia conseguido totalmente seu objetivo.

As mulheres foram enclausuradas, perseguidas, torturadas e queimadas vivas, no mesmo momento em que se criavam as universidades das quais elas estavam excluídas e em cujos cursos se ensinavam as coisas que, por tradição, elas eram as detentoras do saber. Estes dados são fundamentais para se compreender as origens da perseguição às mulheres e ao feminino. Mais do que simplesmente a mulher, o alvo da perseguição promovida naquele período foram os valores femininos, incompatíveis com a proposta de uma sociedade calcada na razão e no individualismo. Mas como feminino e mulher eram sinônimos, elas foram mais perseguidas, porém não exclusivamente.

Os arquétipos da Grande Mãe e do Pai

A partir dos trabalhos de Gustav Jung os atributos “masculino e feminino” passaram por uma resignificação. Na verdade, com os conceitos de Anima-Animus Jung veio restabelecer a independência do Ser em relação aos valores que a cultura corporificou como sendo deste ou daquele sexo. Dando um passo além às proposições de Freud, seu mestre, amigo e finalmente antagonista, Jung afirma que ânima é a contraparte feminina da personalidade masculina e que ânimus é a contraparte masculina da personalidade feminina. Esta concepção promoveu dos grandes acontecimentos: de um lado, provocou o “descolamento” entre o ser e seu atributo, ou seja, “mulher” e “feminino” não são sinônimos, o mesmo se dando com “homem” e “masculino”; de outro, promoveu no ser humano a necessidade do auto-conhecimento através da busca do oposto dentro de si mesmo. As mulheres foram fortalecidas em sua luta contra a dominação masculina e compreenderam muito melhor o lado “masculino” dentro de si mesmas; os homens, de início atônitos, passaram a buscar o lado “feminino” negado, escondido, desconhecido que sempre existiu dentro de si mesmos, mas que nunca pode emergir para a consciência. Para Jung, os arquétipos da Grande Mãe e do Pai são os dois arquétipos básicos da psique. O arquétipo da Mãe é regido pelo princípio do prazer, da sensualidade e da fertilidade, profundamente relacionados com a natureza e seus ciclos. Por outro lado, o arquétipo do Pai é regido pelo princípio da ordem, do dever, da força, do desafio das tarefas, portanto, relacionados com a Lei. Os arquétipos da Alteridade propiciam a diferenciação entre o encontro igualitário do EU com o OUTRO dentro do todo, respeitando suas diferenças. Estes são os arquétipos de toda relação polarizada, pois nela a relação Eu-Outro necessita de liberdade de expressão e de igualdade de direitos dentro da qual se vivenciam as diferenças.

As reviravoltas que o mundo dá

Iniciada nos redemoinhos do Renascimento e ampliada pelo ambiente racionalista do mundo civilizado, a era moderna determinou o fim do pensamento mágico, considerado incompatível com o espírito científico. Max Weber caracterizou muito bem este processo de transição, chamando-o de “desencantamento do mundo”; o

mundo desencantado é aquele que perdeu a confiança no poder sobrenatural. Esse poder sobrenatural é da ordem do feminino, mesmo que esteja nas mãos de um pajé, feiticeiro, ou pai de santo. A sociedade patriarcal demorou alguns milênios para completar a operação de “separação” por sexo e posterior “colagem” dos valores correspondentes a cada um. O produto final é bastante conhecido: mesmo que não o desejasse, o homem foi transformado no “machão” e a mulher na “loira burra”. No mundo patriarcal, para ser homem com “H”, foi preciso abdicar da sensibilidade, para ser mulher, foi preciso abrir mão da capacidade de pensar.

Felizmente, o mundo dá muitas voltas. Às portas do segundo milênio da era cristã, homens e mulheres, cada vez em maior número, se recusam a interpretar o script produzido pelo patriarcado. Os homens estão descobrindo, dolorosamente é verdade, que lhes custou muito caro a atitude arrogante frente à Mãe-Natureza e à mulher, que esta demonstração de poder e de pretensa superioridade só lhe trouxe desvantagens. Pelo seu lado, as mulheres estão conseguindo denunciar o esquema de opressão ao qual estavam submetidas. As mulheres foram as responsáveis pelo início desta revolução sem armas, muito mais eficaz na mudança comportamental de homens e mulheres do que outras grandes revoluções. Há que se perguntar: Todos os homens? Todas as mulheres? Evidentemente que não! As mudanças constatadas surgem apenas como prenúncios, como os primeiros raios de luz do amanhecer, antes do despontar do Sol na linha do horizonte.

O Apocalipse

A idéia de final dos tempos através de uma hecatombe universal persegue a humanidade desde o primeiro século da era cristã, quando João Evangelista escreveu o Apocalipse, último livro do Novo Testamento. No capítulo 6, de sua visão apocalíptica do propósito de Deus, são João Evangelista descreve quatro cavalos montados, cujos ginetes simbolizam a guerra (o do cavalo vermelho), o conflito civil (o do cavalo branco, que, segundo algumas interpretações, viria montado pelo próprio Cristo), a fome (o do cavalo negro) e a morte, ou a peste (o do cavalo amarelo).

O Apocalipse foi escrito para preparar os cristãos ante a última intervenção de Deus nos assuntos terrenos. Depois dele, recomeçaria uma nova era no mundo, a chamada era de ouro. Antes, entretanto, os males e terrores da ordem mundial existente se agravariam. Efetivamente, tendo chegado ao XX século da era cristã, a humanidade não tem muito do que se orgulhar, mesmo levando-se em conta todos os avanços produzidos pelo saber científico. Wittgenstein, interrogando-se sobre a noção de “progresso”, afirma: “Não é desprovido de sentido, por exemplo, acreditar que a época científica e técnica é o começo do fim da humanidade; que a idéia do grande progresso é uma cegueira, como igualmente a do conhecimento finito da verdade.”

A espera de um cataclismo universal tem sido registrada entre todos povos, de todas as religiões, não importando a classe social dos indivíduos. O último eclipse

deste milênio, ocorrido no dia 11 de agosto de 1999, é prova de quanto a humanidade teme a realização de tais profecias. Para a maioria, o Apocalipse significa a destruição de todo o planeta, no entanto, para alguns, (talvez muitos), todos as intempéries naturais que se têm abatido sobre cidades ou regiões, a descarada falta de escrúpulos dos nossos governantes, a violência jamais vista, promovida por cidadãos comuns, por jovens e até mesmo por crianças, são sinais evidentes de que esta civilização decadente, apesar de todo o avanço científico e tecnológico, já está passando por uma vigorosa transformação.

Um novo tempo

As profundas mudanças que estamos presenciando na sociedade contemporânea, dizem os esoteristas, é apenas a ponta do iceberg das imensas transformações provocadas pela proximidade da Era de Aquarius, na qual a humanidade entrará num novo ciclo de prosperidade, de paz, de justiça e de espiritualidade. Se o termo “Nova Era”, ou New Age, é relativamente novo, a concepção milenarista da qual ele provém é muito antiga.

Jean Delumeau, em seu livro “Mil anos de Felicidade”, afirma que, “diversamente do que se afirma, o milenarismo não se refere ao passado, mas ao período imediatamente anterior ao Juízo Final, que se dará com o retorno do Cristo e a instauração do seu reino, verdadeiro paraíso reencontrado, no qual os povos viveriam em perfeita comunidade, livres da dor e do mal, partilhando bens e prescindindo de leis, do Estado e da própria Igreja. Essa crença nasce do Apocalipse de João e de Passagens do Antigo Testamento, como a profecia de Daniel, sobre os cinco impérios que precederiam o reino do Messias. Embora combatida por Santo Agostinho e marginalizada pela tradição oficial da Igreja, essa expectativa de restauração de um paraíso perdido, sempre renovada, atua profundamente em toda a história do Ocidente cristão, e é especialmente forte no destino dos povos ibéricos e protestantes, colonizadores da América, terra de todas as promessas.”

As promessas de uma Era de Ouro podem ser retomadas na mais antiga tradição oriental. Os livros sagrados do Hinduísmo afirmam que já existiram a Era de Ouro, Era de Prata, Era de Bronze e que, atualmente, estamos vivendo na Era de Ferro, chamada de Kali Yuga. Ela é também o final de um ciclo e a condição necessária para a passagem do planeta Terra para uma dimensão mais evoluída.

Segundo Fabre D'Olivet, o zodíaco é a representação da história da humanidade inscrita na abóbada celeste; ela é literalmente uma história escrita nas estrelas. Da mesma forma que o Sol leva 12 meses para transcorrer o ano, que cada ano zodiacal é dividido em 12 signos, cada Era tem a duração de 2160 anos, sendo que um ciclo de 12 eras tem a duração aproximada de 25.000 anos, porém contado no sentido inverso a este. No percurso zodiacal, a Era de Aquarius foi antecedida pela de Era de Peixes, que por sua vez foi antecedida pela de Era de Áries (Carneiro), que foi antecedida pela de Era de Touro e assim

sucessivamente. Para Edouard Schuré, o atual ciclo sucessivo de eras que agora se finda pode ser chamado de “O Ciclo do Sacrifício”.

Na Era de Touro, aproximadamente 6 ou 7 mil anos atrás, a imolação das vítimas oferecidas aos deuses em sacrifício, a fim de lhes abrandar a ira ou para lhes pedir boas colheitas, era feito de forma literal. Sacrifícios humanos fizeram parte de inúmeras religiões antigas. Vamos encontrar o sacrifício humano desde os relatos do Gênesis, onde o próprio Yavé pede a Abraão que imole seu filho primogênito, salvo no último instante por um anjo, até os achados arqueológicos de civilizações como a Inca e a Asteca, apenas para citar dois dos inúmeros exemplos. Na Era do Carneiro, época da grande migração que deu origem à civilização indo-européia, relatada no Ramaiana, o sacrifício humano foi abolido e substituído pelo sacrifício animal. Os jovens de ambos os sexos deixaram de ser imolados aos deuses e foram substituídos por um animal, geralmente um carneiro. A Era de Peixes teve início com a vinda do Cristo, o “Cordeiro de Deus”. Por amor a humanidade Cristo imolou-se na cruz e a partir de então o sacrifício passou a ser apenas simbólico, lembrado em cada cerimônia da missa. Neste percurso, o sacrifício de seres humanos foi substituído pelo sacrifício animal e finalmente pelo sacrifício simbólico. Segundo a literatura esotérica, a Era de Aquário marca o fim do ciclo sacrificial e dá início a um novo ciclo, agora de bem-aventuranças.

Jean Delumeau reconstituiu cuidadosamente a gênese do milenarismo, partindo de seus ideólogos, passando pelas ações revolucionárias das modernas utopias políticas, para chegar às concepções esotéricas atualmente denominadas de Nova Era. Esse autor define assim a Era de Aquarius: “Essa era paradisíaca de 2160 anos, tempo que levará o Sol para percorrer a parte do zodíaco denominada de signo de aquarius. A Nova Era se define como um “novo paradigma”, isto é, uma nova maneira de ver as coisas e de conceber nossa relação com o universo. Postula que um espírito universal está na origem de todas as coisas e no centro de todo ser humano. Contesta os ídolos da modernidade, a ditadura da razão e da técnica. Crê no advento próximo (ainda que através de convulsões) de um mundo renovado em que cada um se reconhecerá como um fragmento da consciência cósmica. Deus está em cada um de nós, donde a necessidade da “viagem ao interior”.

Para Sri Sathya Sai Baba, místico que atualmente vive na Índia, todas as religiões convergem para uma unidade transcendente, assim como todos os povos convergem para uma humanidade planetária. Ele afirma que: “Só há uma religião, a religião do amor. Só há uma casta, a casta da humanidade. Só há uma linguagem, a linguagem do coração. Só há um Deus, e Ele é Onipresente.

Na concepção esotérica, este ciclo de 25.000 anos que agora se finda foi marcado pelos valores patriarcais e pelo sacrifício. Ambos cederão lugar a uma nova era de ouro da humanidade, onde a solidariedade prevalecerá sobre a competição, os massacres, os genocídios, e todas as formas de sujeição, um mundo onde a tecnologia e a ciência estarão subordinadas à ética, onde a política estará orientada pelo respeito à coisa pública, onde o espiritual estará livre dos

dogmas inventados pelos homens e subordinados aos seus interesses.

Enganam-se, porém, aqueles que acham que estas idéias partem apenas dos esoteristas. Muitos cientistas incluíram-nas em suas teses. A relação dos cientistas que as incluíram em suas teses é imensa.

O retorno da Deusa

As últimas décadas deste século, final de mais um milênio, trouxeram para a mulher um doce sabor de conquista. Não que os problemas que ela tem enfrentado desde o fundo das eras tenham sido resolvidos. Claro que não! No entanto, a contemporaneidade está forjando uma nova mulher, e certamente um novo homem. Tudo ainda está muito confuso, o velho modelo ainda não foi completamente quebrado, nem o novo despontou em sua plenitude. Mas as experimentações continuam.

Apesar do caos aparente, ao se fazer um balanço deste milênio que está terminando, o saldo é positivo. A mulher madura passou a controlar melhor seu corpo, sua sexualidade, sua liberdade de escolha, porém as adolescentes ainda estão perdidas com a nova liberdade. A conquista do espaço no mercado de trabalho trouxe independência financeira, mas aumentou seu sentimento de culpa em relação à sua menor presença na educação dos filhos. Este é um problema ainda não devidamente enfrentado. Um passo extremamente positivo foi ter conseguido superar a veemência inicial do feminismo, que focava o homem como o seu principal inimigo. Ela descobriu que sua luta é muito maior que a simples libertação da mulher, que esta pressupõe a construção de um novo homem, de uma nova mulher e de uma outra relação entre os seres humanos, calcada em outros alicerces que a posse e a dominação de um sobre o outro. Ela descobriu que a sociedade patriarcal exacerbou os valores masculinos da competição, ao estender a dominação para os homens mais fracos e para os países mais pobres. Ela descobriu que o maior inimigo não é o homem, mas os valores patriarcais.

Ao sair à luta as mulheres provocaram uma reviravolta nas certezas masculinas. Estas começaram a ser reavaliadas e redimensionadas. Os homens começam a questionar se o lugar que lhes foi atribuído pela sociedade patriarcal é verdadeiramente vantajoso?

Há indícios que estamos vivendo uma transição radical de crepúsculo do patriarcado. Está surgindo uma nova consciência planetária com fortes preocupações ecológicas. O feminismo nos tornou conscientes dos valores patriarcais e dos seus efeitos repressivos e perversos sobre o feminino, mais do que simplesmente sobre a mulher. Com sua orientação para o poder e sua ênfase na dominação e na hierarquização, o patriarcado é visto cada vez mais intensamente como algo destrutivo, tanto para os seres humanos quanto para o planeta. O poder masculino de reger o mundo e de dominar a natureza chegou ao ápice em nossa civilização. Diante do atual estágio de devastação não é mais

possível separar nossas concepções de “progresso” com as ações destrutivas do planeta. Progresso, em nossa civilização, significou, até o presente, a capacidade de consumir, onde o TER é muito mais importante do que SER. No entanto, é crescente o número de pessoas que já não se dispõe mais a compartilhar desses valores.

A Nova Era se caracteriza pela predominância do feminino, assim como na Era de Peixes predominou o masculino. Na evolução zodiacal a Era da Deusa foi substituída pela Era do Deus único, que agora cede novamente seu lugar à Deusa. O monoteísmo representa tipicamente o UNO, que pode existir sozinho, independente e absoluto. Essa concepção de divindade criou no homem um profundo sentimento de superioridade, que permitiu e justificou sua arrogância e conseqüente dominação em relação à mulher, à Natureza e aos demais homens considerados “mais fracos”. A imagem da Deusa, por outro lado, representa a unificação do Uno-Muitos em termos de integração e mútua consubstanciação do Uno manifesto nos Muitos e os Muitos habitando no seio do Uno. Com o renascimento da imagem da Deusa está sendo criado um novo sistema de valores que, certamente, redimensionará a relação entre homens e mulheres, a religião, a filosofia, a vida social, o sistema político e econômico. Atualmente, as concepções de “desenvolvimento” e de “progresso”, seja de uma pessoa ou de um país, estão diretamente relacionadas com os bens materiais que possui e, no caso dos países, com a capacidade da sua produção industrial. No entanto, muitos são os autores que começam a redimensionar a noção de desenvolvimento, deixando o pólo da produção e (má)distribuição de bens materiais, para considerar o desenvolvimento dos seres humanos. Utopia? Talvez, contudo é necessário optar, pois o tempo dos espectadores está rapidamente chegando ao fim.